

O LÁBARO ERRONEAMENTE ESTRELADO

Ricardo Seyssel

Resumo: A atual bandeira nacional brasileira apresenta diversos problemas de concepção e significação. Ela foi desenvolvida tendo como base a bandeira imperial, porém ao invés de estabelecer uma conexão com o nome Brasil ao ser reformulada para representar o País sobre regime republicano, se distanciou e se solidificou como um emblema que perpetuou um ato de imposição sobre a sociedade. A criação do pavilhão nacional não levou em conta diversos fatores fundamentais da mensagem visual: significação cromática, a linguagem dos sinais, síntese formal, semiótica e gestalt. O intuito desde artigo é mostrar; que oposto a ser um ato criativo, sua construção foi meramente um arranjo de elementos justificados em teorias ou propósitos, aonde não se levou em conta a relação signo/significado/significante, algo fundamental para um símbolo veraz e bem concebido.

Mas, de fato, existem erros de concepção na bandeira brasileira?! Quais são?

Palavras-chave: Percepção, Significação cromática, Semiótica, Linguagem dos sinais, Bandeira brasileira.

A sociedade contemporânea em sua maioria vive sobre a égide imagética, aonde os signos lingüísticos dão lugar de forma até desconcertante à iconografia simplificadora em diversos níveis. A palavra escrita se estabelece como forma dominante dentro dos guetos acadêmicos, seu campo mais prolixo de atuação, deixando para o terreno do social a imagem e suas vertentes como elemento de impacto coletivo. O vocábulo possui sua função subtraída de modo geral, visto ser de consciência comum o fato do brasileiro não ser muito adepto à leitura; deste modo fica evidente que os meios de comunicação no País se utilizam desta realidade para agir com esse público, afinal é necessário alcançar, fascinar, convencer, conquistar quem lhes permite a sobrevivência. Obviamente a cultura como um todo se torna aquém do que poderíamos chamar de favorável, muito pelo contrário, estamos em um período aonde a mediocridade aflora de forma até incontida, sendo seus frutos vistos em todos setores sociais. As atitudes se embrutecem, a falta de discernimento se estabelece, assim como todas as conseqüências advindas de uma postura obtusamente materialista e egocêntrica. Porém ainda é possível agir dentro desta regra atualmente estabelecida, usando dos elementos disponíveis de forma inteligente e com os recursos do conhecimento existente. Afinal o caos é o campo de ação aonde o saber, a harmonia, coerência e o bom senso devem existir.

Todavia voltando à questão das imagens na sociedade, os signos imagéticos que fervilham em todos os cantos das cidades, assumem valorações que disputam não só a atenção dos habitantes, mas lutam por adentrar no reino das percepções individuais e coletivas, com o intuito de se estabelecer dominantemente. Esta é a busca incessante de convencimentos tanto comerciais, como doutrinários – aqui no caso já há uma fusão valorativa entre os termos. Logo, uma quantidade enorme de informações, com leitura de curta duração é acionada a todo o instante, no afã de arrebanhar o máximo possível seguidores à comunicação, em grande parte de forma até incosequente e sem o mínimo de ética. A mensagem deve ser quase instantânea, não há tempo para se perder, a vida urge.

Desde modo, a síntese se torna elemento fundamental para existir a absorção do conteúdo expresso, uma linguagem sem rodeios e direta fundamenta-se como a quase única viável no processo informativo e comunicacional. A técnica com criatividade se apresenta assim como praticamente a única solução possível para o desenvolvimento de qualquer atitude que vise alcançar o outro, isto é, o objetivo de toda a informação, propagação de idéias e demais funções da difusão e expressão humana no meio social midiático ou público presencial. Obviamente pelo fato de ser necessário o balizamento do trabalhar com os limites pré-estabelecidos pelo aspecto cultural vigente, cria-se com isso um desafio aonde a imaginação, aliada a um *background* necessário para soluções pedidas pelas demandas do dia-a-dia, emerge como uma alma profundamente ativa e necessária.

Partindo desta introdução; este trabalho se direciona com o intuito de mostrar o mais profundamente possível os procedimentos havidos na elaboração e concepção da atual bandeira nacional brasileira, sendo tecida uma crítica juntamente com a apresentação de um projeto de bandeira, com enfoque de síntese formal, que solucionaria diversos problemas que existem no atual estandarte do Brasil. As informações referentes à bandeira foram retiradas de um livro base relativo à bandeira nacional: “A Bandeira do Brasil – Raízes Histórico-Culturais” de Raimundo Olavo Coimbra, editado pelo IBGE (3ª ED., 2001). A intenção aqui expressa é mostrar como ela foi mais uma adaptação que legou erros no processo de criação/significação; inclusive mostrando críticas havidas no período de sua elaboração, por pessoas influentes na sociedade daquele momento. Juntado a essas informações os problemas estéticos, semióticos e conseqüências psico-sociais e filosóficas existentes na atual flâmula. Com esses informes, as justificativas baseadas

em dados que praticamente corroboram e legitimam o quanto o projeto proposto se coaduna com o que poderíamos nominar de veracidade criativa, além de construir um ícone, signo e símbolo sintético, direto e, sobretudo coerente; o processo de como foi elaborado esse projeto de pavilhão nacional e as devidas justificativas que dão a esta tarefa um tom de validade, visto que alcança o que podemos chamar de Gestalt, comunicação imediata e veridicidade formal.

Símbolo popular

Muito se tem confundido a arte ou expressão popular ou comercial como sendo algo onde o senso estético ou a manifestação artística estão banidos, ficando somente na degradante solução de gosto mais que duvidoso, em si uma sub ou pseudocultura defendida pelos oportunistas de plantão. As manifestações culturais quando verdadeiras estão impregnadas de senso espiritual natural, mesmo que o repertório do indivíduo não seja grande, o pouco se torna material suficiente para expressar às motivações inatas, atingindo a escala plausível da criatividade, isto é, o alcançar da manifestação estética e artística “espontânea e livre”.

O ato criativo não está só no fazer, e sim engloba a totalidade do ser e suas funções perceptivas de captação de informações, mensagens, comunicações. O indivíduo criativo é aquele que tem apurado os sentidos, o próprio gosto pessoal é impregnado de criatividade, refletindo a mais eloqüente capacidade de captação dos sinais visuais, audíveis, táteis, olfativos e até palatais. De fato, os processos advindos da criatividade podem adentrar qualquer um destes portais sensoriais do indivíduo. O relacionar, o processar internamente, e por de volta à manifestação exterior, constitui todo um desencadear de emoção, técnica, razão, conhecimento, cuja finalidade é a expressão de algo íntimo que clama por exteriorização. De acordo com Navega (2004) sob o ponto de vista humano:

Criatividade é a obtenção de novos arranjos de idéias e conceitos já existentes formando novas táticas ou estruturas que resolvam um problema de forma incomum, ou obtenham resultados de valor para um indivíduo ou uma sociedade. Criatividade pode também fazer aparecer resultados de valor estético ou perceptual que tenham como característica principal uma distinção forte em relação às "idéias convencionais".

A bandeira de um país é o símbolo maior junto a outros povos, uma carteira de identidade, um símbolo popular, a logomarca que o diferencia dos demais. Ela é utilizada em diversas oportunidades; quando várias nações participam de

acontecimentos, tanto políticos, como esportivos, ou culturais/espirituais. Um exemplo recente foram os jogos olímpicos, onde todos os atletas eram identificados através das bandeiras nacionais dos países participantes. A importância deste símbolo extrapola sua ligação à geopolítica, avança em outros campos das atividades humanas; é utilizada para um número imenso de eventos e utilidades, da moda à expressão artística, do protesto à paixão patriótica.

Um forte exemplo da utilização da bandeira como símbolo popular, é visto nos Estados Unidos, aonde ela é usada à exaustão. O estado-unidense utiliza-a em quase todos acontecimentos possíveis, ela é o símbolo de união popular mais poderoso que os governantes também utilizam com estratégias políticas sofisticadas, tanto em períodos de paz ou de guerra. Mas além deste exemplo, temos acontecimentos públicos, aonde a bandeira assume um caráter de expressão política marcante; em quaisquer manifestações atualmente no mundo é possível vê-la tremulando como sinalizadora de opiniões, grupos sociais e ideologia, etc. Ela transcende o meramente político e adentra no universo lúdico dos indivíduos, se torna forma mais imediata, simbólica, dando suporte à manifestação e expressão, assim como à comunicação. É na Grécia clássica (COIMBRA, 2000), com as cidades-estados, que a bandeira assume uma função marcante; pois, além de sinalizar o lugar com pavilhões inspirados na mitologia, ela possuía uma função educativa e didática. Pela primeira vez ela cumpre essa função.

Para a criação de uma simbologia vexilológica¹, isto é, ligada às bandeiras, pelo menos em teoria deve existir uma representação do que ela busca resumir, comunicar. Neste momento entram em ação as questões do signo, da significação, das convenções das imagens e sinais; enfim, elementos que dão suporte à identificação e leitura do que se está observando, ao compreender e ao decifrar. Vejamos o que escreve Donis A. Dondis no livro “*Sintaxe da Linguagem Visual*” (1991 p.29/30):

O processo de composição é o passo mais crucial na solução dos problemas visuais. Os resultados das decisões compositivas determinam o objetivo e o significado da manifestação visual e têm fortes implicações com relação ao que é recebido pelo espectador. (...), o significado não se encontra apenas nos efeitos cumulativos da disposição dos elementos básicos, mas também no mecanismo perceptivo universalmente compartilhado pelo organismo humano. Colocando em termos mais simples: criamos um design a partir de inúmeras cores e formas, texturas, tons e proporções relativas; relacionamos interativamente esses elementos; temos em vista um significado.

¹ A vexilologia é o estudo das bandeiras, estandartes e insígnias e das suas simbologias, usos, convenções etc. Aos indivíduos que a estudam dá-se o nome de vexilólogos. Este termo foi criado por Whitney Smith, dos Estados Unidos da América, com vasta obra publicada sobre o assunto. O seu nome provém de *vexillum*, nome dos estandartes utilizados no exército romano. < <http://pt.wikipedia.org/wiki/Vexilologia> >

A utilização dos elementos de forma sintética faz com que a comunicação - principalmente no caso das bandeiras - se torne mais rápida e imediata, porém isso quase nem sempre acontece no processo de criação, ainda mais quando é feita por pessoas que desconhecem regras de uma boa composição, das questões simbólicas, dos elementos da percepção. Esse evidentemente foi o caso do atual pavilhão nacional brasileiro. Para comprovar esta afirmação, um trecho da entrevista do designer brasileiro Alexandre Wollner dada a Fernando Oliva e transcrita em artigo por Maria Hirszman no Caderno 2 do jornal “O Estado de São Paulo” em 14 de julho de 2003 a respeito do lançamento do livro “Alexandre Wollner – Design Visual 50 Anos”:

(...) queria dar outro exemplo de mau design: a bandeira brasileira. Existe ali um elemento negativo muito forte, que intuitivamente a população assimila. A faixa branca "Ordem e Progresso" está apontando para baixo, como uma estatística negativa. Também não se deve escrever frases em bandeiras, porque elas estão sempre tremulando e não se consegue ler. Estas questões são importantes. As mensagens estão escondidas dentro de um sinal. Intuitivamente você percebe. Não consegue explicar, mas sente. Na Bandeira brasileira, sente-se que existe algo de errado.

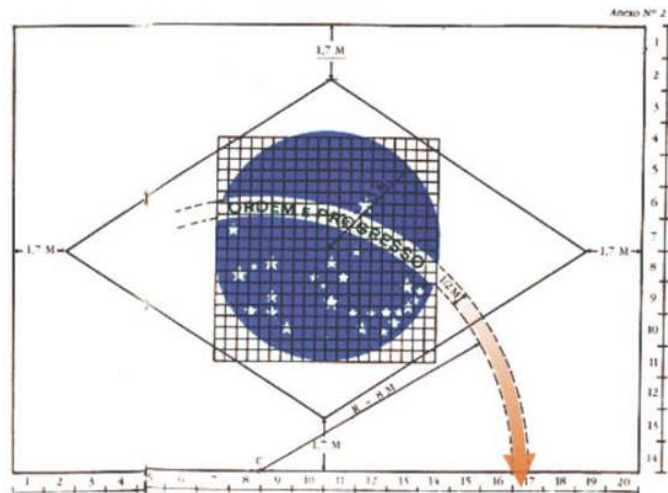


Fig 1: A questão do índice negativo

Deste modo temos a colocação de uma problemática que apresenta uma abrangência imensa, visto ser de um objeto de caráter público-ideológico e doutrinário, utilizado na maioria das vezes pela máquina publicitária do Estado, que num afã de simples convencimento a um dado acontecimento, se utiliza deste artefato com intuito de convencimento e até de coerção. Resumindo, a força simbólica da bandeira está além de sua forma física, adentra nas questões emocionais, psíquicas, ideológicas e culturais. Mas, e quando ela é um elemento negativo?!

A adaptação e não criação

O ocorrido com a bandeira nacional brasileira foi o ato de adaptação e não propriamente o ato de criação. Mas da onde vem a comprovação dessa afirmação? Vejamos os elementos advindos de Coimbra (2000, p.442):

[...]

20. O verde e o amarelo, além de seus significados históricos, indicam nossa riqueza viva e mineral.

21. Segundo Teixeira Mendes, o verde simboliza ainda nossa filiação à França. Porque foi a cor que inaugurou a Revolução Francesa.

22. Indica ainda o verde nossa inserção dentro dos delineamentos essenciais da cultura universal através da permanente inclinação do gênero humano para esta cor.

23. O azul e o branco ligam-se a Portugal e repõem à época do **Brasil-Colônia**.

24. O azul representa nossa posição espiritualista no contexto da civilização cristã-ocidental.

25. O branco, nossos anseios e nossa tradição de paz. [...].

Continuando com as informações de Coimbra, a atual bandeira nacional foi adotada com inspiração em princípios positivistas, porém atualmente quase ninguém estabelece relação. Seu autor principal foi Raimundo Teixeira Mendes, chefe da Igreja Positivista do Brasil. A projeção do céu é do astrônomo Manuel Pereira Reis; o desenho, de Décio Rodrigues Vilares, pintor que estudou na Academia Imperial de Belas-Artes, tendo se convertido ao positivismo em Paris quando lá estudava pintura, conhecendo o então famoso pintor Pedro Américo.

Essencialmente as cores e formas utilizadas no pavilhão conservam o modelo da bandeira imperial no que diz respeito às figuras do retângulo e do losango. Como “*inovação*” foram introduzidas a representação do céu, a zona/faixa branca e a inscrição “Ordem e Progresso”. O globo azul foi o substituto da esfera armilar herdada de D. Manuel I (representada na Bandeira do Principado do Brasil – Fig: 5, p.8); o Cruzeiro do Sul, a Cruz da Ordem Militar de Cristo; o céu, a orla estelar do pavilhão imperial. A legenda é resumo da frase de Augusto Comte: “*O amor por princípio e a ordem por base; o progresso por fim*”. Já a disposição das estrelas “reproduz” o aspecto do céu no Rio de Janeiro antes do alvorecer do dia da Proclamação de República, segundo é afirmado e negado no mesmo período, pois o que ocorreu foi uma representação, e não a disposição exata. A zona branca é dita explicitamente símbolo do zodíaco, e particularmente, da eclíptica – plano da órbita terrestre; havendo outros significados, dentre eles especificamente o do rio Amazonas; e que o País pertence aos dois hemisférios terrestre. A simbologia Estrela-Estado foi retirada dos Estados Unidos da América, tendo sido usada já na bandeira imperial.

Assim juntando esses elementos aconteceu a concepção da atual bandeira do Brasil, para melhor entendermos como isso se processou, as imagens a seguir poderão guiar-nos nessa tarefa, justificando assim a afirmação de não ser propriamente um ato criativo e sim uma ação adaptativa.

Olhando as duas bandeiras abaixo, a primeira a imperial (Fig.2) e a segunda, a atual republicana (Fig.3), podemos notar como as estruturas base/fundo estão lá nas duas formas do verde e do amarelo, com pequena modificação de tamanho do losango.



Fig 2: Bandeira Imperial Brasileira



Fig 3: Bandeira Atual Brasileira

A grande modificação ocorre na área central aonde é substituído o brasão imperial, pelo selo da república; porém esse selo carrega em si toda uma simbologia advinda do próprio brasão imperial, logo uma herança portuguesa, mas também francesa, pois a estrutura retângulo/losango tem como origem a França napoleônica, inclusive o pintor francês Jean Baptiste Debret, membro da Missão Artística Francesa contratada por Dom João VI, desenhou a bandeira.

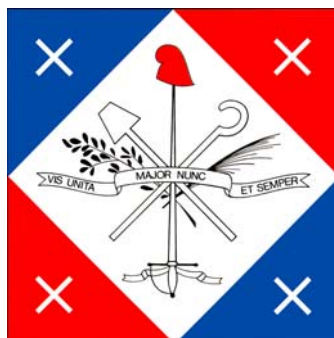


Fig 3:
Bandeira do Regimento da Guarda Nacional
Revolução Francesa



Figura 4:
Bandeira do 6º Regimento de Infantaria
de Linha – Napoleão

Não querendo aqui levantar qualquer visão preconceituosa do que possa ser algo verdadeiro existente no que diz respeito à tradição, no entanto, não ocorreu algo

significativamente novo. O que de fato ocorreu foi uma perda de significação visual na bandeira atual, uma anomalia semiótica (significado/significante) e o já citado anteriormente por Wollner “... *uma estatística negativa... existe algo de errado...*”.

Vejam os como o processo de construção ocorreu, em outras palavras, o que foi usado para construir o atual elemento existente no centro do estandarte republicano. Na fig. 5, a bandeira do Principado do Brasil², que utiliza a esfera armilar herdada de Dom Manuel I – soberano da época do descobrimento, mais a cruz encimada que representa a Ordem de Cristo. Esses elementos são visíveis ao centro no brasão imperial de forma quase explícita, acontecendo a modificação de tamanho e proporção. Pegando as estrelas que circundam a cruz e a esfera armilar – inspirada na bandeira americana na relação estrelas/



Fig 5: Bandeira do Principado do Brasil



Fig 6: Brasão Imperial



Fig 7: Selo da República

estados - acontece a bandeira republicana com a adaptação desses elementos, ao invés da esfera armilar, a abóbada celeste com a re-ordenação das estrelas no formato de constelações, a faixa descendente, também na abóbada, sendo transportada para a faixa com a inscrição “Ordem e Progresso” e resultando no selo republicano (Fig. 7).

Enfim, o que ocorreu foi uma reorganização do centro do brasão imperial transformado no selo republicano; porém, perdendo uma cor fundamental para a significação “brasil” à flâmula, o vermelho, existente no forro da coroa imperial, nos frutos dos ramos de café, e na cruz da Ordem de Cristo, que se transforma no Cruzeiro do Sul.

² Categoria que foi elevado o Brasil, quando do reinado de D. João IV; o monarca em agradecimento aos habitantes da colônia que sobre o comando de João Fernandes Vieira tinham vencido os holandeses, em seguimento à sugestão do Padre Vieira quando criara a “Companhia de Comércio para o Estado do Brasil”, e, para acalmar a neurose acometida pelo seu filho Teodósio que duvidava do respeito paterno aos seus direitos reais.



Fig 8: Bandeira Provisória da República

Como observação, vale mostrar a Bandeira Provisória que existiu por somente quatro dias de 15 a 19 de novembro, quando ficou estabelecida a bandeira atual e em cujo dia se comemora a Bandeira. Fica notório nesta concepção - Bandeira Provisória, a total falta de consciência criativa ou imaginação, e um hábito que se perpetua até os dias de hoje no País, da adaptação ou pura cópia de símbolos e outras simbologias estrangeiras; por exemplo, o símbolo da Rede Globo e da Rede Bandeirantes de Televisão que são parecidíssimos com a CBS americana.



Fig 9: Logotipos comparação

Se formos entender o ato criativo como sendo aquele cujo resultado é a melhor solução ou “A Solução” do problema, ou ação desencadeadora que buscamos atingir; do mesmo modo, se aplicássemos todas as inúmeras informações necessárias para a realização de algo que represente alguma coisa a alguém, e, assim, conseguisse atender o quanto foi proposto ou instigado a atingir, veríamos que a solução colocada e impingida à população brasileira pela atual bandeira nacional, tem muito pouco do que poderíamos chamar de uma proposição criativa. Vejamos outra afirmação de Navega (2004), porém agora sob o ponto de vista cognitivo:

Criatividade é o nome dado a um grupo de processos que procura variações em um espaço de conceitos de forma a obter novas e inéditas formas de agrupamento, em geral selecionadas por valor (ou seja, possuem valor superior às estruturas já disponíveis, quando consideradas separadamente). Podem também ter valor similar às coisas que já se dispunha antes, mas representam áreas inexploradas do espaço conceitual (nunca usadas antes).

Reforçando essa asserção temos em Pfeifer (2001) que para além da necessidade e do desejo, a criação necessita de imagens espontâneas, e que a obra criadora é algo

diferenciado do que existia antes e exige atitudes diferentes. Assim, muito pelo contrário, nela bandeira se utiliza diversos símbolos que foram simplesmente reformulados e adaptados, porém não atingindo o objetivo que é a valoração necessária, a significação, aqui no caso de um território cujo nome foi legado por parte do nome de uma árvore, cuja característica é possuir um lenho vermelho brasa, uma das principais características da espécie chamada *Caesalpinia echinata*, o Pau-brasil.



Foto 1 Florada do Pau-Brasil

Observando então uma foto da referida árvore que deveria ser reverenciada no processo cultural do País, mas, que se encontra confinada a nichos da Floresta Atlântica e alguns viveiros, simplesmente por ter perdido o valor comercial; fato ocorrido pelo longo tempo necessário para sua, dela maturação. As cores dominantes da árvore são três: o verde das folhas e o amarelo e vermelho das flores; assim, é possível levantar um questionamento do por quê da não existência desta trindade cromática no pavilhão brasileiro? De alguma forma, algo também está errado do ponto da representação simbólica do objeto árvore, na sua não materialização referência no estandarte pátrio. De qualquer maneira, deveria haver uma ligação dela no pendão; pois, qual é então a justificativa de ser ela bandeira o retrato sintético do País, e, nela não haver qualquer elemento que seja representativo, significativo, referencial do elemento que lega o nome ao território/população e a ela própria?

Peguemos dois estrofes do hino à Bandeira de Olavo Bilac, neles realçando o termo *símbolo*:

*Salve lindo pendão da esperança
Salve símbolo augusto da paz
Tua nobre presença a lembrança
A grandeza da pátria nos traz*

*Recebe o afeto que se encerra
Em nosso peito juvenil
Querido símbolo da terra
Da amada terra do Brasil*

Agora vejamos o que o Dicionário Eletrônico Aurélio – Século XXI se nos apresenta:

Símbolo é:

- 1) Aquilo que, por um princípio de analogia, representa ou substitui outra coisa;
- 2) Aquilo que, por sua forma ou sua natureza evoca, representa ou substitui, num determinado contexto, algo abstrato ou ausente;
- 3) Aquilo que tem valor evocativo, mágico ou místico;
- 4) Objeto material que, por convenção arbitrária, representa ou designa uma realidade complexa:
- 5) Elemento descritivo ou narrativo suscetível de dupla interpretação, associada quer ao plano das idéias, quer ao plano real:
- 6) Elemento gráfico ou objeto que representa e/ou indica de forma convencional um elemento importante para o esclarecimento ou a realização de alguma coisa; sinal, signo:
- 7) Sinal que substitui o nome de uma coisa ou de uma ação:
- 8) Figura convencional elaborada expressamente para representar uma coisa; emblema, insígnia:
- 9) Pessoa ou personagem que representa determinado comportamento ou atividade;
- 10) Alegoria, comparação; metáfora:
- 11) Termo empregado por certos autores para designar signo. [O símbolo lingüístico corresponde a símbolo (1), ao passo que no signo a representação é arbitrária.]
- 12) Rel. Enunciado dos artigos de fé nas Igrejas cristãs, para uso da comunidade.
- 13) Semiol. Signo que, em oposição simultânea ao ícone e ao índice, se fundamenta numa convenção social (o signo lingüístico, p. ex.) e mantém uma relação instituída, convencional, com o referente; signo arbitrário, signo imotivado.

Eliminando os tópicos 9 e 12 que não vem ao caso, temos definições que podem nos dar argumentos para refutar uma veracidade na atual bandeira nacional brasileira, i.e., somente observando a forma e as características da árvore do pau-brasil e o significado da palavra brasil. No item 1 é afirmado ser um símbolo aquilo que, por um princípio de analogia, representa ou substitui outra coisa, ora, aonde no atual lábaro tem algo que nos arremeta ao significado de brasil/Pau-brasil? No sétimo também existe algo muito próximo, que é possível usar como contestação, pois poderíamos perguntar, aonde na bandeira tem um sinal que substitua, referencie, o nome ou o significado da palavra brasil na bandeira? O mesmo dicionário mostra que está palavra significa a cor do pau-brasil; encarnado, vermelho. Vale ressaltar o terceiro item do significado brasil, aonde mostra que o lenho era usado para extrair uma tintura usada em tinturaria e pintura, e também para dar o vermelho das miniaturas e iluminuras dos manuscritos. Deste modo fica evidente a falta de ligação da bandeira adotada atualmente com o que realmente significa *brasil*, na medida que não existe nada nela utilizando a cor vermelha, o elemento de principal significado e característica da planta que legou o nome ao País. Poderia ser nomeado um tipo de vermelho chamando-o de brasil, mas nunca poderia existir um azul brasil, ou melhor; poderia sim, desde que fosse um azul avermelhado...

Agora voltando a Bilac, onde está o “... *Querido símbolo da terra, Da amada terra do Brasil*”. Na medida em que entendemos como símbolo o representante de uma outra

coisa, aqui no caso a “amada terra do Brasil” não está representado na bandeira, as matas estão, o ouro está, o céu “está”, mas onde está a terra? Em muitos lugares do território existe de fato terra vermelha. Devemos entender que a palavra brasil é derivada do nome da árvore do Pau-brasil, e segundo Pfeifer (2001) a palavra é o símbolo mais comum usado por nós na vida cotidiana. Porém na realidade, o brasileiro em geral quando pronuncia ou pensa em brasil, não faz a ligação com a origem da palavra, mesmo que faça, não estabelece conexão, e, principalmente desconhece as características da própria árvore. Deste modo, aceita o estabelecido sem levantar contestação, dúvida ou qualquer oposição, visto ser desde a tenra idade, a entronização dos símbolos pátrios, um sistema de pura aceitação, e, sem maiores esclarecimentos; fato muito ligado ao que comumente se chama de “história oficial”.

As Sete Críticas Maiores a Bandeira Atual do Brasil

Para mostrar as críticas havidas no período da instituição da bandeira atual um trecho da monografia “A Bandeira Brasileira sem Brasil” aonde de acordo com COIMBRA (2000 in: SEYSSEL, 2004, p.53):

São conhecidas sete críticas contra o projeto de Teixeira Mendes, sabendo-se principalmente os trabalhos de Eduardo Prado e Eurico de Góes. A primeira diz respeito ao *Desprezo da Tradição*, que era manifesto na exclusão da esfera armilar e da Cruz da Ordem Militar de Cristo; sendo substituídos pelo globo (círculo azul) e pelo Cruzeiro. A segunda se refere aos *Erros de Astronomia*, aonde o céu não corresponde à veracidade; e sim uma representação.

Seguindo nas críticas, a terceira diz respeito à *Legenda Positivista*, foram muitos os que se opuseram a sua existência, sendo até taxado como algo ridículo. Alceu de Amoroso Lima afirmou: “Os adoradores de Clotilde de Vaux ‘transformaram nosso auriverde pendão num desastrado símbolo positivista’” (carta a Eurico de Góes, 27/03/1933, *ibid.*, p. 40). A quarta censura diz respeito ao *Cruzeiro do Sul*, uma delas de Eurico de Góes; “*Eu não me insurgi, propriamente contra o Cruzeiro do Sul, que não deixa de ser uma bela constelação, embora haja outras mais belas e tão belas. Porém contra o aspecto infeliz ou a pretensa representação astronômica da bandeira positivista, que nos deram. E também por quererem, à força, que o Cruzeiro do Sul recorde, especial ou simbolicamente, a descoberta do Brasil. [...]*” (Góes, 1935, p. 175-176).

Já a quinta é referida à *Simbologia sem fundamento*, no que diz respeito a esse item, existe um bom número de críticas, por exemplo, a de Eduardo Prado: “*A cor branca da bandeira portuguesa, tanto em Portugal como nas colônias, foi, antes e depois de 1500, a cor branca. Não é, pois, possível relembrar a fase colonial do Brasil pelas cores branca e azul, que nunca foram as dessa colônia e são as de Portugal, somente desde 1830*” (*ibid.*, p. 11-13).

Quanto ao sexto item, a *Inobservância heráldica*; é afirmado no livro do IBGE que Teixeira Mendes abdicou à bandeira os rigores da ciência dos brasões, recebendo censura pelo fato dos símbolos não serem universais, as estrelas estarem desordenadas, dúvida da validade do círculo azul como elemento heráldico, etc. E finalmente, a sétima, as falhas ocorridas na *Aplicação do Decreto*, sendo consideradas a crítica válida; exemplificando: o decreto exigia que as estrelas “*fossem dispostas na situação astronômicas quanto à distância e ao tamanho relativo*” e isso não foi observado (Góes, 1908, p. 171).

País tropical

Por que Gauguin escolheu ir para o Taiti, ilha no Pacífico Sul, com clima tropical, aonde a cor e a luz imperam soberbas e reluzentes? Sim, a intensidade tonal dos diversos matizes a refletirem uma vibração intensa e viva, são as características cromáticas nesta região; assim como o Brasil, cujo território em sua grande maioria se assenta nesta faixa entre o Trópico de Capricórnio e o Equador e parte ao Trópico de Câncer. Enfim, a paleta dos artistas que optam pelas regiões tropicais e suas cromias, impreterivelmente tendem a usar cores vivas, primárias, fortes e intensas, essa é basicamente o “norte” das escalas tonais tropicais. Porém, onde está esse fato no maior país tropical do mundo? Tem a bandeira brasileira uma significação cromática característica à sua natureza tropical? Obviamente que não, simplesmente não há. E, este não haver, somado aos fatos negativos de construção/design do estandarte, temos o estandarte brasileiro com uma patologia comunicacional, expressiva, perceptiva, de identidade e de conteúdo.

Onde está o sol, a cor das aves e das flores? Se a Argentina e o Uruguai, países localizados nas regiões temperadas do planeta reverenciam o sol em suas flâmulas, por que o Brasil não faz o mesmo, ele país que tem o privilégio de ser banhado de modo singular pelo astro-rei? Se o Japão é a casa do sol nascente, por que o Brasil não pode ser o campo onde ele passa o dia todo... O País do sol presente!

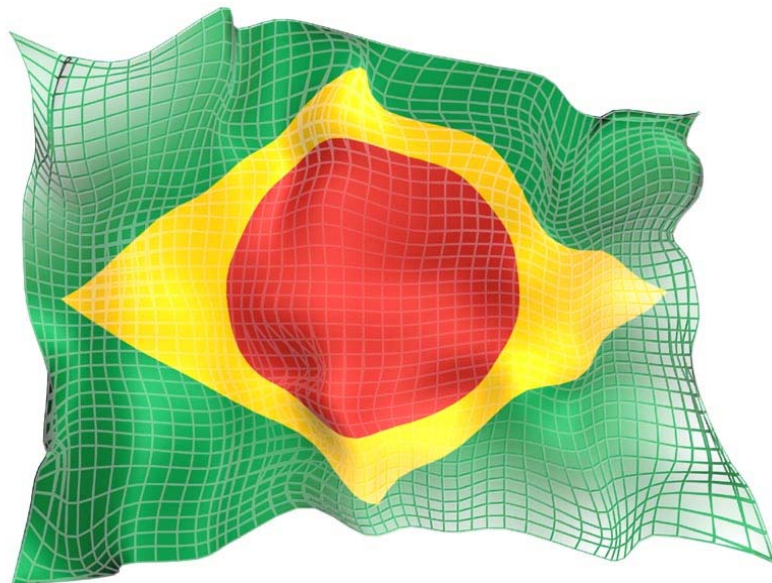


Fig 10: Bandeira Projeto do Brasil

O Projeto

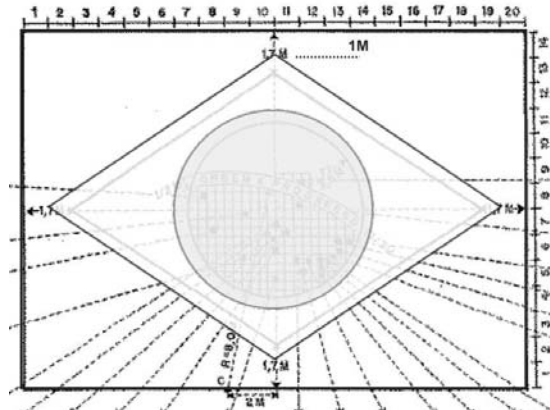


Fig 11: Estrutura composicional

Acima a estrutura³ do projeto aonde se buscou aplicar conceitos de simplicidade formal, realizando valores gestálticos, cromáticos perceptivos, junto com uma solução semiótica: Brasil/Pendão/Representação (Primeiridade/Segundidade/Terceiridade). A princípio intuitivamente, porém no processo de busca das justificativas, estas foram se apresentando de forma até fascinante. Tudo corroborando para até ser um ato de fé ou confiança naquilo proposto.

Partindo de conceitos da Bauhaus como justificadores do projeto de bandeira, visto ser ele pavilhão projetado como uma composição utilizando aproximadamente as três formas fundamentais da geometria: o quadrado (retângulo), o triângulo (losango) e o círculo. Entendendo a teoria de Johannes Itten, professor da Bauhaus:

(...) todas as linhas e todos os planos que podemos imaginar, podem ser derivadas como composições de um, de dois ou de três destes caracteres formais elementares, nas três formas se conformam três mundos:

- o mundo material do pesado, do seguro no quadrado.
- o mundo espiritual dos sentimentos, da mobilidade, do etéreo e do escoamento do aguado do círculo.
- o mundo intelectual da lógica, da concentração, da luz, do fogo, no triângulo.

Para o homem que vê com os olhos do espírito, os três símbolos não se apresentam como formas vazias e sim incorporam em si mesmos as forças mais poderosas da criação. E quem quiser entender o livro da natureza como um livro das formas da vida, necessita da chave, para poder abrir, para si mesmo, o segredo escondido. *Diário, 1930, edição do autor, Berlim.*

Assim a construção/estrutura do projeto justifica-se nesses parâmetros.

³ A estrutura da bandeira projeto foi desenvolvida tendo como base a estrutura da bandeira atual. Algumas modificações fora feitas no que diz respeito ao tamanho das formas internas. É pensado utilizar a proporção áurea na metragem do retângulo; conferindo assim a esta forma uma qualificação mais estética, logo, mais visual e significativa.





Fig 12 Estrutura composicional colorizada


Agora entram nas asserções cromáticas, vejamos Pedrosa (2002, p.18):

O fenômeno da percepção da cor é bastante mais complexo que o da sensação. Se neste entram apenas os elementos físicos (luz) e fisiológico (olho), naquele entram, além dos elementos citados, os dados psicológicos que alteram substancialmente a qualidade do que se vê.

A percepção das cores não é algo estanque, varia de cultura para cultura. Porém existem elos universais aceitos e entendíveis; convém notar que no caso aqui apresentado, existe uma evidente significação à civilização ocidental e cristã:

 Cor do fogo e do sangue, o vermelho é a mais importante das cores para muitos povos, por ser a mais intimamente ligada ao princípio da vida. O Vermelho foi a cor de Dionísio para os pagãos e é a do Amor Divino para os cristãos. PEDROSA (2002, p.109).

 Segundo Kandinsky, o amarelo, representando o calor, a energia e a claridade, assume a primazia do lado aditivo das cores, em oposição à passividade, frigidez e obscuridade representadas pelo azul. PEDROSA (2002, p.111).

 Para Kandinsky, “o verde absoluto é a cor mais calma que existe. Não é o centro de nenhum movimento. (...) Esta imobilidade é uma qualidade preciosa, e sua ação é benfazeja sobre os homens e sobre as almas que aspiram ao repouso. (...)” PEDROSA (2002, p.111-112).

Uma coincidência das cores propostas vem nesta afirmação de PEDROSA (2002, p. 109, 110, 113):

Em todos os países do mundo, o vermelho significa perigo e sinal fechado para o trânsito. (...) ele – amarelo – significa sinal de espera, chamada de atenção para os sinais verde e vermelho.(...) descarga emocional do homem motorizado diante do sinal verde representativo de passagem permitida, trânsito livre.

É interessante notar que essas cores fazem parte do imaginário global. São cores que estabelecem comandos de ação para indivíduos em todo o mundo. Temos aqui uma tríade de movimento com ligações tanto internas como externas. O parar, o ponderar e o seguir. O ato de se posicionar perante o momento presente, vivenciá-lo e seguir adiante. Atitudes naturalmente agentes no indivíduo: vindo do passado, estando no presente, indo ao futuro.

No princípio do artigo foram dados significados às cores da bandeira do império e a atual. No projeto elas ganham um significado e uma reverência. O verde (matas) ganha o

significado do reino vegetal, o amarelo (ouro) do reino mineral e o vermelho (sangue) do reino animal.

Para terminar uma afirmação tirada de um artigo do Coronel Aviador Paulo Lobato, aonde mostra o grande erro significativo, a permanência das cores azul e brancas no pavilhão nacional:

O Azul e o Branco foram adotados como as cores do Condado Portucalense, fundado em 1095. São as mesmas cores usadas por D. Pedro I, quando se seguiu o conhecido ato de “Laços Fora”, os toques militares portugueses que ao serem retirados dos uniformes, simbolizaram o rompimento com a Metrópole e a emancipação política do Brasil, na histórica data de 7 de setembro de 1822.

O que ocorreu, foi o pedido do Imperador aos soldados para retirarem as toques militares portuguesas (azul e branca – cores de fundo da Bandeira do Regime Constitucional de 21.08.1821), pois daquele instante em seguida, as cores nacionais seriam o verde e o amarelo (COIMBRA, 2000). Como permanecer na fâmula brasileira as cores que nos arremetem ao tempo colonial, e que não tem nenhuma ligação com a planta do Pau-brasil origem primeira do nome desta Nação?

Se pau é pau, pedra é pedra, brasil é vermelho; isso não nos pode causar estranhamento e nem desconforto. Enfim, é somente o colocar as coisas nos seus devidos lugares.

Bibliografia

COIMBRA, Raimundo O. - A Bandeira do Brasil – Raízes Histórico-Culturais. 3ªed. Rio de Janeiro: IBGE, 2000.

DONDIS, Donis A. - Sintaxe visual, 2ªed. – São Paulo: Martins Fontes, 1997.

PEDROSA, Israel - Da cor a cor inexistente. 8. ed. Rio de Janeiro: Leo Christiano Editorial, 2002. 219p.

NAVEGA, Sergio C. - De onde vem a Criatividade? Seção Artigo Seminários Digitais Intelli-wise. Disponível em: <<http://www.intelliwise.com/seminars/criativi.htm>> Acesso em 29.11.2004.

PFEIFER, Suzana S. - Criatividade: Um estudo nas fronteiras da ciência, da arte e da espiritualidade, Tese de doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, 2001.

SEYSSEL, Ricardo - A Bandeira Brasileira sem Brasil, São Paulo: Monografia Lato Senso de Criação Visual e Multimídia, São Paulo: USJT, 2004.

ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA DO BRASIL PUBLICAÇÕES LTDA. Paulo Eugéne Henry Gauguin (1848-1903), Disponível em: <<http://www.pitoresco.com.br/universal/gau-guin/gauguin.htm>> Acesso em 12.12.2004.

WOLLNER, Alexandre - Entrevista a Fernando Oliva. Caderno2, O Estado de São Paulo. Publicado, 14.07.2003.

VIEIRA, Edite Resende e RIBEIRO, Eloísa Sabóia - Um caleidoscópio de possibilidades Disponível em: <<http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2002/ame/ametxt1.htm>> Acesso em 19.12.2004.

LOBATO, Paulo - Os símbolos nacionais e o cocar da FAB Disponível em: <http://www.militar.com.br/artigos/artigos2001/celavpaulolobato/simbnaciecocarfab.htm> Acessado em 14.12.2004.